



ESTRUTURA E COMPOSIÇÃO FLORÍSTICA DE UM CORREDOR FLORESTAL NA APA DO RIO SÃO JOÃO, RJ, APÓS 14 ANOS DA IMPLANTAÇÃO

Marcelo Paixão Reis¹

Carlos A. P. Júnior² ; Marcelo T. Nascimento¹

¹Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Avenida Alberto Lamego, 2000, Cep28013 - 602 - Parque Califórnia - Campos dos Goytacazes - RJ - Brasil - mpx.bio@gmail.com

²Associação Mico - Leão - Dourado, Reserva Biológica de Poço das Antas - IBAMA, BR 101 - Km 214 - Distrito de Aldeia Velha - Silva Jardim - RJ - Brasil

INTRODUÇÃO

A Mata Atlântica é conhecida por ser o bioma com a maior biodiversidade do planeta e vem sofrendo com intenso processo de devastação e fragmentação, causados principalmente pelos processos de industrialização, urbanização e o avanço das atividades agropecuárias, restando, atualmente, cerca de 7% da sua área original (Fundação SOS Mata Atlântica, 2011). A perda da conectividade das unidades da paisagem resultante da fragmentação causa alterações preocupantes na comunidade vegetal e animal promovendo perda de habitat para diversas espécies restando apenas manchas de vegetação (Metzger, 1999). Como medida mitigadora, corredores florestais vêm sendo utilizados para estabelecer conexão entre os fragmentos através de plantios de recuperação. Corredores florestais são estruturas lineares presentes na paisagem que são diferentes das unidades em sua volta (Metzger, 1999). A Associação Mico - Leão - Dourado vem contribuindo e implantando diversos corredores na APA do Rio São João - RJ com o objetivo de recuperar a conectividade desses fragmentos, contribuindo para a conservação dos micos - leões - dourados e diversas outras espécies que habitam esses fragmentos (AMLD, 2004).

OBJETIVOS

Este trabalho teve por objetivo avaliar a estrutura e composição florística de um corredor florestal após 14 anos da implantação.

MATERIAL E MÉTODOS

O corredor estudado foi implantado em 1997 na Fazenda Vale do Cedro localizada em Silva Jardim - RJ, com uma área de 0,75 ha (30 m x 250 m), cercado lateralmente, conectando dois fragmentos florestais, com área de 170 e 129 ha respectivamente. Um total de 1250 mudas, pertencentes a oito espécies nativas e tolerantes a inundação periódica, foram plantadas com espaçamento de 3m x 2m. Para a avaliação do estabelecimento do corredor, foram alocadas em março de 2011 25 parcelas de 30 m x 10 m e todas as árvores com CAP (circunferência a altura do peito) \geq 5cm foram medidas com auxílio de fita métrica e identificadas, e a altura foi estimada visualmente. A presença de epífitas e lianas por árvore amostrada foi registrada. Árvores mortas em pé foram medidas, mas não identificadas. Os parâmetros fitossociológicos foram calculados pelo Fitopac v.2.1.

RESULTADOS

Um total de 254 indivíduos foi amostrado, destes 231 vivos (distribuídos em 37 espécies, sendo 29 provenientes

tes de regeneração espontânea) e 23 mortos em pé. A densidade populacional de árvore no corredor foi de 308 ind/ha, com média de 9,2 ind/parcela. A área basal total foi de 5,9 m²/ha, sendo que as parcelas variaram de zero (p 25) a 0,47 m² (p 7). A altura do dossel variou bastante, embora a maioria das parcelas apresentou indivíduos em torno de 4 m. Entretanto, as parcelas de 1 a 7 (28% das parcelas) apresentaram indivíduos com altura média de 7 m e 42% dos indivíduos vivos amostrados. Foi verificada a presença de gramíneas: *Braquiaria sp*, *Imperata brasiliensis* e *Scleria sp.*, espécies exóticas e altamente competitivas, recobrando quase toda a superfície em 72% das parcelas (p 8 - 25). O baixo número de indivíduos e menor estatura destes nas parcelas 8 - 25 parece estar relacionada com a maior duração da cheia do rio Maratuã, agravada por seu assoreamento, que inunda o corredor florestal no período chuvoso, ficando estas parcelas alagadas por até 5 meses. Outro fator foi o manejo inadequado por parte do proprietário da fazenda que permitiu o pastoreio de gado e cavalo durante um período de 9 anos. Estas perturbações muito provavelmente foram responsáveis pelo estabelecimento de espécies de gramíneas e baixa regeneração de arbóreas.

CONCLUSÃO

Após 14 anos da implantação do corredor foi observado uma alta mortalidade das mudas plantadas e baixo es-

tabelecimento espontâneo de espécies nativas. Fatores como a ocorrência de alagamento periódico, porém prolongado (c. 5 meses) principalmente na parte próxima ao rio e o manejo inadequado do corredor são considerados responsáveis pelo baixo estabelecimento de espécies nativas. A necessidade de uso de espécies tolerantes a inundação por período longo é discutido.

(Agradecimentos: a Associação Mico - Leão - Dourado pelo suporte e alojamento; aos Técnicos Helmo Siqueira Carvalho e Gerson Rocha da Purificação pelo auxílio nos trabalhos de campo).

REFERÊNCIAS

- MLD, 2004. Corredores Florestais. Disponível em: <http://www.micoleao.org.br>. Acesso em 27.04.2011.
- Fundação SOS Mata Atlântica. 2009. Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica, período 2005 - 2008. São Paulo.
- IBDF/FBCN. 1981. Plano de manejo - Reserva Biológica de Poço das Antas. Brasília. Ministério da Agricultura. 95p.
- Metzger, J. P., 1999. Estrutura da paisagem e fragmentação: análise bibliográfica. Anais da Academia Brasileira de Ciência, v. 71, n. 3 (1), p. 445 - 463.